

Série carnavalesca I

Síntese

VILÉM FLUSSER

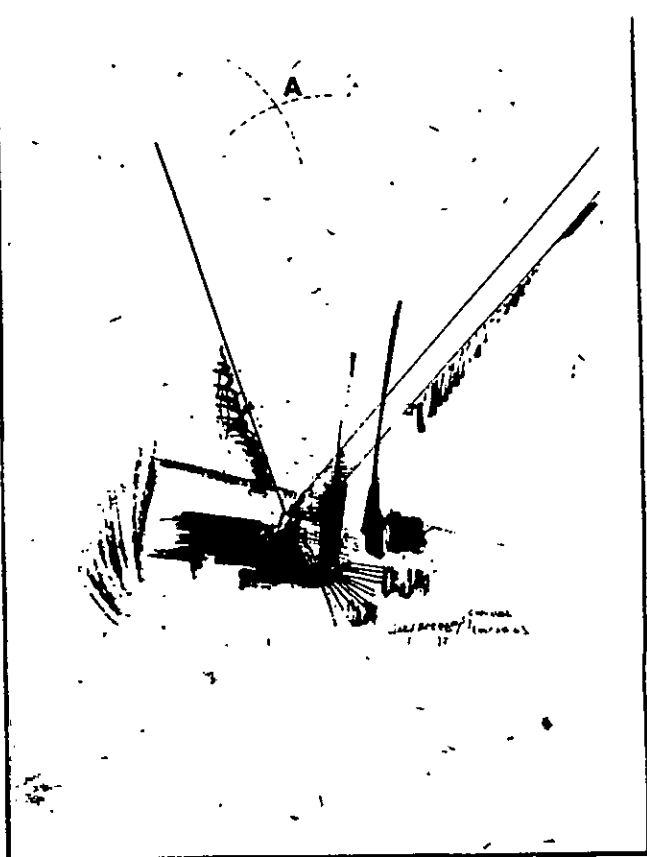
Por um período de poucos dias o curso do ano é interrompido para parcela apreciável da população brasileira. A correnteza histórica dos dias e das semanas passa a formar represa, chamada "Carnaval" e passa do tempo histórico para o tempo da eterna repetição do refrão sincopado. As máscaras, impostas pela história sobre a gente humilde, caem, e revelam a sua verdadeira face. O aparente ascensorista é revelado acrobata, a aparente vendedora de loja é revelada princesa. Rasgado o véu da história, aparece a verdade; o substrato a-histórico da sociedade brasileira. O seu "paganismo". A sua "negritude"?

Sem dúvida, o Carnaval, embora de origem "pagã", não é africano. Talvez seja fortemente adubado por elementos etruscos. O seu parentesco com os "Lupercalia" romanos o sugere. Como também o fato de ter ele triunfado, sob capa transparente cristã, no norte italiano renascentista e barroco. Em terras, portanto, etruscas. Quando resultou em Commedia de l'Arte, naquela precursora bem estruturada e no entanto improvisável do Happening, do Living Theater, e da Obra Aberta.

Mas o Living Theater não é Carnaval brasileiro. E embora os etruscos tenham um curioso sabor de sacralidade sensual e violenta, (que Lawrence captou e que pode lembrar o Niger), os fundadores das escolas de samba não são os etruscos. Muito mais o são as fraternidades tribais da costa ocidental africana. O Carnaval brasileiro síntese entre etruscos e bantus? Mas se o for, é síntese perturbadora.

A margem esquerda parisiense descobriu a África no começo do século, e procurou assimilá-la. Picasso "elevou" a África a-histórica ao nível da consciência histórica "branca". Esta a síntese picassiana: a história ocidental abarca a África com seu abraço. Não é a síntese carnavalesca. Nela a Grande Mãe África absorve a-históricamente a história do Ocidente. O caso de Picasso é este: o projeto ocidental, ao expandir-se, se abre ao Não-ocidente. O caso do Carnaval brasileiro é este: o projeto ocidental é absorvido, e deixa de ser projeto. E não é apenas o caso do Carnaval brasileiro. Também o é o caso de toda futura cultura brasileira, a ser porventura realizada.

Que as aparências não nos enganem. O Carnaval dos clubes burgueses não é Carnaval brasileiro. É Carnaval picassiano sem a originalidade e genialidade de Picasso. Como não é cultura brasileira a que atualmente assim se mascara. Porque o Carnaval brasileiro não é um pôr máscaras, mas um tirar máscaras, e as máscaras ocidentalizantes ainda não caíram da face da nossa cultura. O Carnaval ainda não veio. (A ilustração é de Gabriel Borba Filho).



Série carnavalesca — II

Máscaras

VILÉM FLUSSER

Os outros me vêm como sou, ou sou como me vêm: os outros? O difícil não é saber como me vêm os outros. Posso lê-lo nos seus olhares. O difícil é descobrir quem sou eu. A sacrática recomendação do auto-conhecimento, e o mandamento shakespeariano de sermos fiéis a nós mesmos, impõem dura tarefa. Muito mais fácil é assumir-me tal como me vejo nos olhares dos outros. Por exemplo: os outros me chamam de subdesenvolvido em vias de desenvolvimento? Pois serei tudo isto "a outrance", e eis que me desenvolverei maravilhosamente. Desempenharei o papel que me foi imposto de fora maravilhosamente.

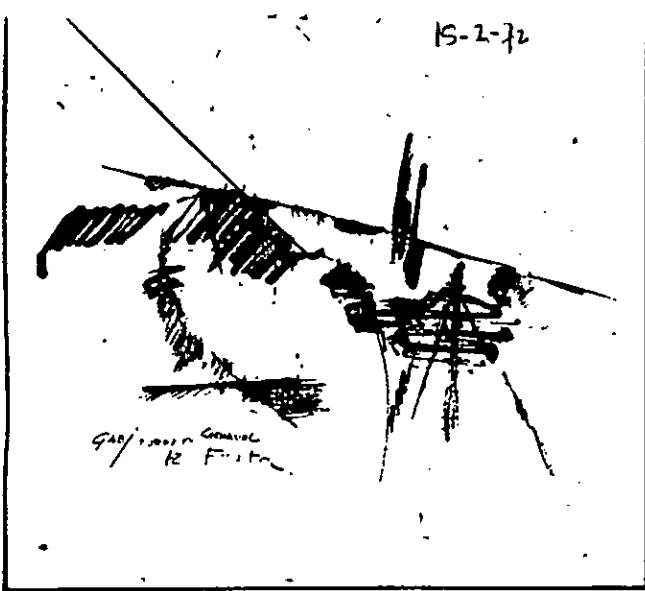
Vejam como o Japão conseguiu isto. O mundo o admira. A máscara ocidental lhe assenta tão bem, que até os olhos das ex-gelhas já parecem "caucasianos". O "nequi-tai — neck tie", (e com ele o milagre econômico), triunfa. O Japão está a caminho do seu grandioso destino. A saber: o destino que lhe foi reservado pelos outros. Ao ter assumido a máscara, o Japão desistiu da difícil tarefa de encontrar-se.

Modelo japonês? Não: máscara japonesa. Mas não se pode andar mascarado impunemente por tempo indeterminado. Não se pode representar o papel de tecnocrata sempre impunemente, quando se é no fundo samurai, (ou pai de santo). Não se pode, porque uma surda sensação que brota do próprio núcleo vai desmentindo tudo. A sensação diz: Tudo isto está errado. Nada daquilo que faço me diz respeito. Não me diz respeito, porque eu não me respeito. E é nessa surda sensação que pode dar-se a descoberta do próprio eu. No nójo de si mesmo.

Não sei se há no Japão equivalente do Carnaval brasileiro. E duvido. Porque o Carnaval rompe periodicamente a máscara. Periodicamente vastas camadas da população brasileira se descobrem. Assumem-se, não como os vêm os outros, (sub-proletariado), mas como são, (orgasticamente festivos). Passam a viver, periodicamente, não papéis pre-determinados por outros, mas funções pre-determinadas pelo próprio indivíduo. Isto é o Carnaval brasileiro.

Os outros me vêm como sou, ou sou como me vêm: os outros? O difícil não é saber como me vêm os outros. Posso lê-lo nos seus olhares. O difícil é descobrir quem sou eu. A sacrática recomendação do auto-conhecimento, e o mandamento shakespeariano de sermos fiéis a nós mesmos, impõem dura tarefa. Muito mais fácil é assumir-me tal como me vejo nos olhares dos outros. Por exemplo: os outros me chamam de subdesenvolvido em vias de desenvolvimento? Pois serei tudo isto "a outrance", e eis que me desenvolverei maravilhosamente. Desempenharei o papel que me foi imposto de fora maravilhosamente.

(A ilustração é de Gabriel Borba Filho, especial para a "Série Carnavalesca").



Série carnavalesca — III

Festa

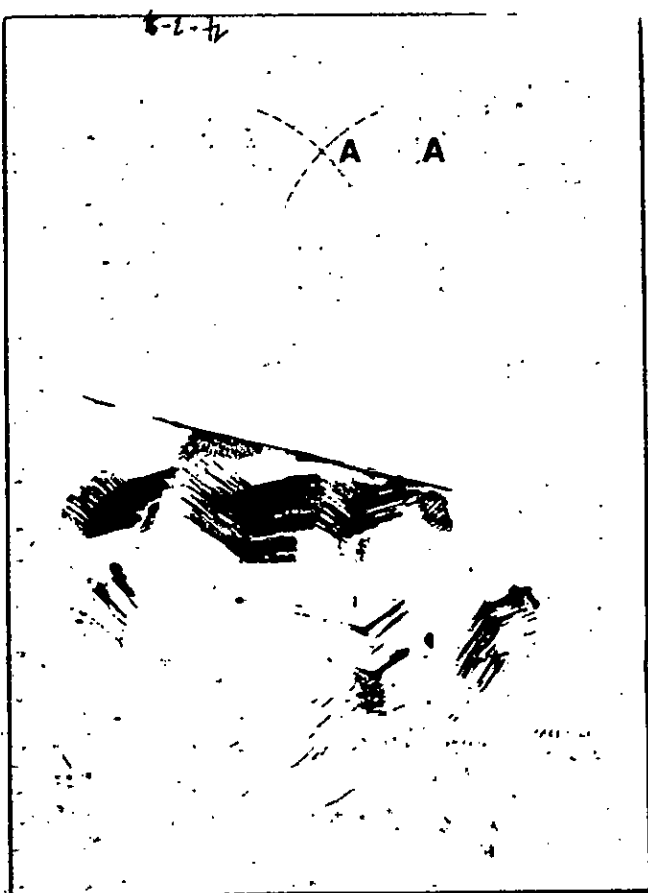
VILÉM FLUSSER

Qual a utilidade dos seis dias úteis? Obviamente: o domingo, o dia inútil. Eis o que confere sacralidade à festa: a sua total inutilidade. O ato inútil, absurdo, gratuito, é o ato sacral, e sacrificar significa: dar algo em troca de nada, portanto inutilidade. Aliás, não pode ser diferente. A derradeira utilidade de algo não pode, por sua vez, ser útil para algo. Senão, tropeçaríamos de utilidade em utilidade até a morte. A sacralidade é fútil, porque meta de todas as coisas úteis. Quem confere utilidade à festa, (por exemplo: distração, recuperação), desacraliza a festa, e transforma-a em feriado. Profanação é isto: ter feriados, não festas.

Festa: meta de toda utilidade. Carnaval, (para quem o festeja): meta do ano todo. Feriado: divertimento que reverte em benefício do vertimento. Carnaval, (para quem se diverte): pena que parte dele caia num week-end. (Uma medida da decadência do cristianismo é a transformação do domingo em week-end). Não devem ser confundidos os que festejam o Carnaval com os que se divertem. E como confundir quem vai à Missa com quem vai à praia.

A sacralidade ocidental é transcendente. A festa aponta o além, o fora do tempo e do espaço. Por exemplo: o sábado judeu. É ele a irrupção do além para dentro do mundo. Com efeito: o sábado é o Messias, ou o Messias é o sábado judeu. (Algo semelhante pode ser afirmado quanto às festas cristãs e muçulmanas). O Carnaval é diferente. Festeja a sacralidade imanente. Com efeito: festeja a sacralidade dos sentidos do corpo. Paganismo? Sim, mas o termo é impreciso. Abrange fenômenos tão díspares quanto o são o fetichismo, o hinduísmo e o neo-platonismo. O paganismo do Carnaval é a orgia.

Ai de nós, ocidentais, carecemos de categorias para captar o que não é nosso. "Orgia" é termo orfíco, portanto fenômeno grego, e um descendente raquítico seu é o canto orfeônico nos orfanatos do interior paulista. Tais cantores nada têm a ver com o Carnaval que desce das favelas. O termo "orgia" sugere, mas não consegue captar, a essência carnavalesca. Aliás, nenhum termo consegue. Apenas a participação imediata o consegue. E nós, pálidos ocidentais, nunca conseguiremos participar da festa carnavalesca, por mais que entremos nela. Ficaremos parcialmente por fora. A saber: com aquela parte nossa, (outra chamada "alma"), que aponta o transcendente. Dizem que não há "color line" no Brasil, e talvez não haja mesmo. Há isto: os que participam do Carnaval, e os que se divertem. "Color line"? (A ilustração é de Gabriel Borba Filho, especial para "Série Carnavalesca").



Série carnavalesca - IV

Cinzas

VILÉM FLUSSER

"Dies irae, dies illa, solvet saeculum in favilla". (Dia da ira, dia no qual o mundo cai em cinzas). Mas como? Citar um verso de inspiração medievalmente religiosa, ao querer falar do Carnaval brasileiro? Um verso pavoroso que convém à sombria catedral de Burgos ou ao Castelo gótico de Praga, mas nada tem a ver com a Avenida Presidente Vargas? Perfeitamente. E que tendemos a interpretar erroneamente tanto a Idade Média quanto o Carnaval brasileiro.

A Idade Média ressuscitada, com sua gritaria, seus tambores, suas cores gritantes, seus jograis e seus palhaços, seria perfeito Carnaval carioca. E a delegacia da Polícia em Copacabana na quarta-feira de cinzas, transportada para o século 13, caberia bem na catedral de Burgos. O fato é este: os desolados da delegacia, os que saíram da vertigem e do sol para cálmem, sóbrios e sombrios em "si", estão muito mais próximos dos penitentes medievais que nós, seus herdeiros aparentes. O verso citado continua: "Quid sum miser nunc facturus" (Que devo fazer agora, coitado de mim?). (Em latim tão duvidoso quanto o é o português das favelas). Eis uma pergunta que está na ponta da língua dos naufragos da tempestade carnavalesca na praia do cotidiano.

O verso, pois, se justifica. Mas apenas em parte. Porque, a despeito das semelhanças, há uma profunda diferença entre o penitente medieval e o follão carioca. Esta: o penitente é pecador, o follão é malandro. Isto é: darão, ambos, resposta à pergunta, mas darão resposta diferente. O penitente responderá: "mortificarei minha carne", e o follão: "darei um jeito". Isto porque o modelo de comportamento do penitente é o Cristo, e do follão Exu, (superficialmente cristianizado). Quem visa compreender o Brasil, enganar-se nele, e quicá ainda a traçar rumos para o futuro, deve captar bem tal diferença. Toda desenvolvimento é consequência da imitação do Cristo (historicista). É estranho a Exu, (por cristianizado que esteja).

É certo: o homem pode e deve ser mudado. Enganar-se, no fundo, é isto: procurar mudar o homem. O malandro pode ser transformado em pecador, e o follão em penitente. Mas é bom saber em que dará a mudança. E podemos sabê-lo perfeitamente, já que temos exemplos palpáveis. A modificação de malandro em pecador dá em superestradas com restaurantes automáticos, em clubes de "camping", na semana de trinta horas, e em revistas pornográficas febrilmente ilustradas. E a modificação acaba com o Carnaval, (inclusive, é verdade, com a quarta-feira de cinzas). A escolha é pois esta: quais as cinzas que queremos? (A Ilustração é de Gabriel Borba Filho, especial para "Série Carnavalesca")